

AS PRAÇAS NA CONFORMAÇÃO URBANA DA CIDADE DE UBERABA:

Do início do século XIX à metade do século XX

Carollyna Bernardo Lemes de Souza¹, Cláudia dos Reis e Cunha², Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale³

RESUMO

As praças têm um importante papel na conformação dos espaços urbanos nas cidades brasileiras. O presente trabalho refere-se ao estudo das praças da cidade de Uberaba surgidas entre o século XIX e a primeira metade do século XX. Através da compreensão da função das praças dentro da perspectiva da história do urbanismo e do desenvolvimento urbano de Uberaba, buscou-se compreender o papel desempenhado por esses espaços na conformação urbana da cidade, assim como sua relevância para a paisagem. Concentrando os esforços na análise da Praça Rui Barbosa, exemplo mais efetivo de Uberaba.

PALAVRAS-CHAVE:

Praça; Largo; Uberaba; Desenvolvimento Urbano; Paisagismo;

ABSTRACT

The town squares have an important role into the urban arrangement of Brazilian cities. This article refers to studies done about the town squares built in the city of Uberaba between the 19th century and early mid-20th century. Through the comprehension of squares' functions within the perspective of the history of urban planning and urban development of Uberaba, this study sought understand the role of these spaces into the urban arrangement of the city as well as their relevance to the landscape. The focus of these studies was the analysis of Rui Barbosa Square, the most influential example in Uberaba.

KEYWORDS:

Town Square; City Square; Uberaba; Urban Development; Landscaping

¹ Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: carollyna.bernardo@outlook.com

² Núcleo de pesquisa em Teoria e História de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: claudiareis@faued.ufu.br

³ Núcleo de pesquisa em Teoria e História de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: mariliabtvale@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo central a coleta, sistematização e interpretação dos dados e informações referentes às praças surgidas entre o século XIX e meados do século XX na cidade de Uberaba. Através do levantamento de dados - históricos, iconográficos, bibliográficos e cartográficos - a respeito das praças busca compreender o papel desempenhado por elas na conformação urbana da cidade, dentro da perspectiva da história do urbanismo brasileiro, assim como sua relevância para a paisagem contemporânea.

A praça é um dos elementos mais importantes da história da cidade brasileira. Esteve presente na origem dos núcleos urbanos desde o período colonial e teve papel fundamental no abrigo das relações sociais. Sofreu diversas mudanças ao longo da história, espaciais e no uso.

É importante definir, primeiramente, o que é entendido nesse texto como *praça*. A partir do juízo comum de que a praça é um espaço público e urbano, sendo o caráter social seu atributo mais marcante, usaremos aqui a definição de Robba e Macedo (2010, p. 17) que “Praças são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”. O estudo das praças depende da análise do contexto urbano em que estas estão inseridas, o entendimento do espaço livre só é possível através dos edifícios que formam seu entorno e do período histórico que define a relação da sociedade com seus espaços públicos.

A formação dos núcleos urbanos no Brasil Colônia deu-se, de modo geral, a partir da constituição de um patrimônio religioso seguindo uma lógica baseada no urbanismo português: instalava-se a capela e ao seu redor foram construídas as casas e os edifícios públicos que compunham uma freguesia, arraial ou vila. Essa estrutura de formação das cidades coloniais gerou os adros de igreja que apresentaram-se como os primeiros espaços livres públicos brasileiros, tornando-se espaços de grande importância nas relações sociais.

Os espaços livres apareceram na ausência da ocupação, considerando a implantação das construções sem afastamento frontal, foram as construções que delimitaram os espaços livres urbanos, não havendo outro tipo de demarcação. A definição de Robba e Macedo (2010, p. 16) aproxima esses espaços livres religiosos das *piazas* italianas e *plazas* espanholas “Os espaços secos, que caracterizam as *piazze* e *plazas* da Europa, no Brasil são chamados de largos, pátios ou terreiros, e o termo praça normalmente está associado a espaços ajardinados”.

Em um Brasil ainda bastante rural, a atividade religiosa foi a atividade cidadina de maior importância, não havendo outro espaço livre que pudesse competir com o adro da capela. Segundo Marx (1980, p.54) “Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas”. Mas o uso do adro da capela na cidade brasileira não era limitado a atividades religiosas, abrigando todas as relações da vida urbana. Marx (1980, p.54) comenta que “Largos, pátios, rocios e terreiros [...] pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar”.

Até meados do século XIX os adros permaneceram como espaços livres centrais, com uso intenso e diversificado. De acordo com Robba e Macedo (2010, p. 22) “A praça – até esse momento chamada de largo, terreiro e rossio – era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade, abarcando os vários estratos sociais”.

A partir da segunda metade do século XIX e, principalmente nas primeiras décadas da República, com as ideias de ordenação e salubridade as praças passaram por grandes mudanças: a imagem e a apropriação mudaram significativamente com o ajardinamento de avenidas, largos, adros e terreiros. De acordo com Segawa, (1996, p. 70) “No final do século XIX, o conceito da rua e do parque arborizado como pulmões urbanos estava amplamente assimilado. Não apenas em sua dimensão salubrista, como por um suposto caráter cívico.”

O Brasil buscou aproximar-se da imagem de seus parceiros comerciais europeus, principalmente França e Inglaterra. Isso é perceptível através da arte, da arquitetura, do urbanismo, do paisagismo e até dos costumes durante esse período. Segundo Robba e Macedo (2010, p. 53) “O hábito de passear e desfilar nos espaços públicos consolidou-se como padrão cultural europeu, sendo exportado para suas colônias ultramarinas. No Brasil, incorporou-se, de fato, aos costumes da população na segunda metade do século XIX.”.

O ecletismo altera os usos e, principalmente, modifica a forma de apropriação pública das praças. O ambiente da praça tinha como novas funções a contemplação, o passeio, o convívio social e o cenário. Em oposição ao espaço do largo multifuncional, a praça ajardinada é um local de regras de conduta e sociabilidade. Robba e Macedo (2010, p. 54) afirmam que “[...] o largo deixa de ser o espaço multifuncional de articulação urbana e passa a ser um belo cenário naturalista para o deleite das camadas privilegiadas da população.”.

O novo modelo de praça chega primeiro as cidades maiores do Brasil, mas com o passar das décadas torna-se o padrão paisagístico de todo o país e mesmo as cidades do interior buscam

reproduzir um exemplo da praça eclética. Nesse momento cresce a presença de profissionais estrangeiros concebendo projetos para praças nos moldes ingleses e franceses para o Brasil.

1. UBERABA: Origem e Desenvolvimento

O município de Uberaba localiza-se no Triângulo Mineiro sudoeste do Estado de Minas Gerais. Território que era conhecido até o início do século XX como “Sertão da Farinha Podre”. Uberaba é um dos núcleos mais antigos da região e de maior importância no século XIX.

O desenvolvimento dos núcleos urbanos na região segue uma mesma lógica, originam-se com a construção de uma capela e da constituição de seu patrimônio – composto principalmente por terras. A presença da capela representa o reconhecimento do núcleo urbano, trazendo benefícios civis e religiosos à localidade.

Segundo SOUSA (2004, p. 80) “Os fundadores de Uberaba vieram de Desemboque em 1810, onde a exploração aurífera estava decadente. Migraram para o Oeste da região do Triângulo Mineiro [...] onde as terras eram férteis para agricultura e pecuária.”. Com o intuito de explorar as terras da região, os habitantes do antigo Arraial do Desemboque migraram para novas áreas. O povoamento das novas terras aconteceu através do sistema de doação de sesmarias.

O povoado que se desenvolveu à cabeceira do Ribeirão Lageado recebeu o nome de Arraial da Farinha Podre ou Arraial da Capelinha. Ainda no início de sua formação Uberaba passou por um processo de transferência de sítio, sendo o núcleo realocado na margem do Córrego das Lages deixando o local de implantação inicial.

Na viagem de 1812, o Sargento-mor Antônio Eustáquio, construiu nas proximidades do Lageado, na margem esquerda do Córrego da Lage, um retiro. O local oferecia boas condições para moradia, com abundância de água e, aos poucos, os moradores do Lageado, transferiram-se para o novo local. Logo após, foi construída, nesse novo povoado, uma capela e os santos da capela do Lageado, também foram transferidos para a nova localidade. (TEIXEIRA VALE, 1988, p. 236)

O núcleo então se fixou, e ainda permanece, na bacia do córrego das Lages, pequeno afluente do rio Uberaba, em um terreno entre sete colinas com abundância de nascentes d’água que foram fundamentais para o abastecimento da população.

Seguindo a tradição do urbanismo português aplicado durante o período colonial e que manteve-se após a independência do Brasil, o núcleo teve na capela e no adro os pontos

fundamentais da ordenação do espaço: ao seu redor surgiram os edifícios mais importantes, as primeiras residências, e dali partiram as primeiras vias.

Até o início da década de 1870, a cidade de Uberaba, além das vilas e arraiais do Triângulo Mineiro, ainda exibia paisagens urbanas típicas de aglomerações sertanejas do Brasil colonial: um adro regular no centro da localidade, dominado por uma igreja ou capela, ladeado por edificações de taipa ou adobe, com arruamento perpendicular dos lados. (LOURENÇO, 2010, p. 231)

O desenvolvimento de Uberaba está ligado à sua posição estratégica junto à antiga estrada do Anhanguera – que conectava São Paulo ao interior do Brasil – e ao Rio Grande – que fazia a divisa com a província de São Paulo. Somado ao desenvolvimento da atividade pastoril, Uberaba já na primeira metade do século XIX se torna passagem obrigatória dos mercadores iniciando seu papel de entreposto comercial.

Esse arraial se chamou “Farinha Podre” (1818), foi emancipado politicamente tornando-se vila (1836) e, em poucas décadas, mereceu o título de cidade (1856). Essa rápida ascensão se deveu principalmente aos seus povoadores e à posição estratégica de porta de entrada para o sertão do Brasil. (SOUSA, 2004, p 80).

Devido à sua localização Uberaba beneficiou-se do desenvolvimento econômico da província de São Paulo. Com a expansão da lavoura de café pelo oeste paulista surgiu a necessidade de ampliar o transporte entre o porto de Santos e as novas áreas produtoras do interior, resultando na ativação de vias de ligação que melhoraram o escoamento da produção.

Uberaba tornou-se na primeira metade do século XIX, um importante polo comercial do Brasil Central, especialmente de sal, mercadoria necessária à manutenção da pecuária – principal atividade econômica da região em que estava inserida. Até a década de 1860 a cidade apresenta significativo crescimento demográfico e econômico.

O quadro geral de Uberaba, até final da primeira fase de sua história (1860), se apresentava como o de um centro comercial dependente da atividade pastoril, onde a fazenda exercia uma expressiva liderança sócio-econômica. [...] Contudo, nesta fase, a cidade ainda carecia de maior conforto, o natural, considerando o caráter pastoril de sua economia. (REZENDE, 2001, p. 44)

A construção da Estação da Estrada de Ferro Mogiana, em 1889, facilitou o contato com São Paulo e Rio de Janeiro, além de beneficiar os serviços de telégrafos. A presença da Estação permitiu um processo modernizador marcando o auge comercial e cultural da cidade, firmando o papel de Uberaba como centro comercial do Brasil Central.

Nesse período muitos moradores da Zona Rural fixaram residência na cidade. O crescimento e a concentração urbanos trazidos pela Mogiana levaram a uma série de melhoramentos urbanos como jardins, hotéis, restaurantes e ao incremento do comércio. Com a extensão dos trilhos da Mogiana até Uberlândia em 1895, e até Araguari em 1896, grande parte do

comércio que Uberaba mantinha com o Triângulo Mineiro, Goiás e Matogrosso foi transferido para as cidades vizinhas, comprometendo o papel hegemônico de entreposto comercial da região.

A cidade enfrentou um período de estagnação econômica, que se agravou mais com a construção da Ferrovia Noroeste do Brasil, que ligou São Paulo diretamente a Mato Grosso, desviando de Uberaba, também esse comércio e encerrando, definitivamente, a atividade comercial que estimulava seu desenvolvimento. (TEIXEIRA VALE, 1988, p. 238)

A recuperação da economia uberabense deu-se somente no início do século XX, com a criação de gado Zebu importado da Índia, transformando Uberaba em um centro pecuarista.

Quanto ao espaço urbano, de acordo com Pontes, 1970, a cidade em 1880 já contou “45 ruas, 9 largos ou praças, 3 travessas e 2 becos”. A maioria desses espaços permaneceu livre de intervenções durante todo o século XIX e grande parte do século XX. A figura 1 aponta, em um mapa atual, onde estavam localizados esses espaços.



Figura 1: Indicação de Largos e Praças existentes no século XIX

Fonte: Base do Google Maps, modificada pelo autor.

A Praça Frei Eugênio funcionou como praça apenas por um breve período. Segundo o CONPHAU, 2007, o Antigo Cemitério São Miguel permaneceu naquela localidade até 1900, quando foi transferido e deu lugar à Praça. Mas em 1926, a Câmara Municipal cedeu esse espaço para que ai fosse construído o Liceu de Artes e Ofícios de Uberaba. Atualmente, abriga o conjunto arquitetônico do SESIMINAS, tombado em nível municipal.

A Praça Comendador Quintino era conhecida no século XIX como “Largo das Cavalhadas” ou “Largo do Pascoal”. Foi parcialmente ocupada pelo edifício do Grupo Brasil, em 1908,

ficando popularmente conhecida como “Praça do Grupo”. Nesse mesmo ano o espaço foi ajardinado, sendo o segundo espaço livre da cidade a receber esse tratamento.

Embora sejam raros os textos sobre esse jardim, memorialistas descreveram as atividades desse espaço. Segundo o Arquivo Público de Uberaba, 1998, “Este jardim construído em 1908, tendo no centro o citado coreto, tinha amplos canteiros, passarelas largas e muitas árvores. Ali também se faziam no seu coreto, constantes e belas retretas pela banda do Rigoletto”.

A preocupação em ajardinar essa praça é um indicativo da importância desse espaço no ambiente urbano, devido principalmente à presença de uma instituição de ensino. A figura 2 é uma fotografia da praça na década de 1920, onde é possível perceber as características ecléticas do jardim, o coreto metálico, a poda ornamental da vegetação e a implantação do Grupo Brasil.



Figura 2: Praça Comendador Quintino, década de 1920.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Os registros fotográficos apontam uma reforma nesse jardim ainda na primeira metade do século XX, embora não se possa afirmar as datas ou alterações efetuadas no espaço. O edifício do Grupo atualmente abriga a Escola Estadual Grupo Brasil, e é tombado em nível municipal.

O Largo de Santa Terezinha, no Alto do Fabrício, também recebeu tratamento. Segundo o Arquivo Público de Uberaba, 2008, “No local, em 1908, foi inaugurada a última ‘fonte pública’ da cidade, o chafariz ‘Santa Bárbara’, que continha uma coluna de ferro e duas torneiras laterais e esteve em atividade até 1915.” A figura 3 é uma fotografia da Praça na década de 1930.



Figura 3: Praça Santa Terezinha na década de 1930.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Em 1929, foi inaugurada a capela dedicada a Santa Terezinha e deu-se o nome definitivo à praça. Durante a década de 1930, o Largo da Igreja foi ajardinado, embora de maneira simples se comparado aos outros jardins da cidade. Também recebeu iluminação pública, alguns bancos de concreto e o calçamento das ruas. A capela dedicada à santa foi substituída em 1961.

A Praça Frei Eugênio foi parcialmente ocupada, na década de 1940, pelo novo prédio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, o prédio é atualmente tombado em nível municipal. Dentre os nove largos e praças já existentes no século XIX, cinco permaneceram sem nenhum tratamento paisagístico até a metade do século XX: Praça Manoel Terra, Praça Henrique Krüger, Praça Dom Eduardo, Praça Afonso Pena, Praça Carlos Gomes.

Mesmo se tratando de espaços vazios, abrigaram diversas atividades sociais e culturais. Dentre todos os espaços livres da cidade de Uberaba destaca-se a Praça Rui Barbosa, por se tratar do espaço que abrigou as principais atividades sociais e recebeu maior atenção do poder público, passando por diversas intervenções.

2. PRAÇA RUI BARBOSA

A Praça Rui Barbosa ocupa parte do antigo Largo da Matriz, indicado na figura 4, núcleo inicial do Arraial de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba sendo, portanto, seu mais antigo espaço público. A partir dele organizaram-se as primeiras vias, sendo o largo um ordenador do traçado urbano. Nessa localidade residiam os primeiros habitantes e foram edificados os principais edifícios públicos, em sua parte mais baixa concentravam-se as casas de comércio.

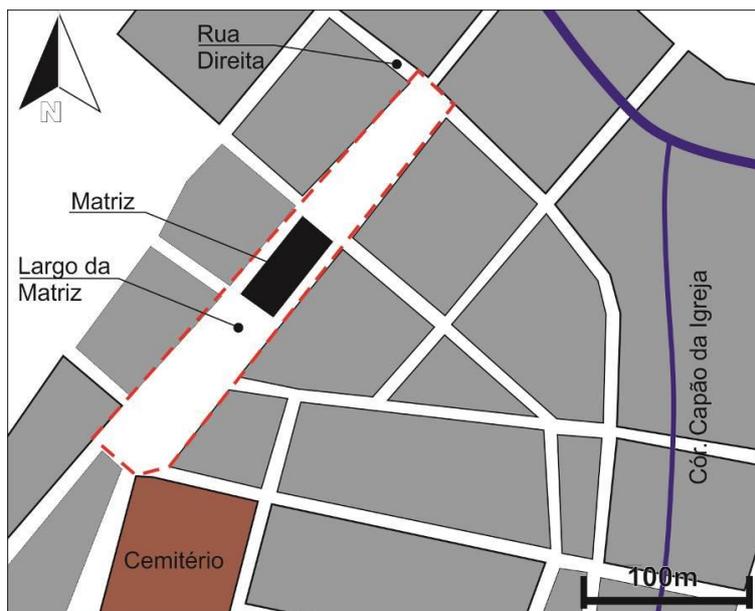


Figura 4: Mapa do núcleo inicial de Uberaba, indicando o Largo da Matriz.
Fonte: Produzido pelo autor.

O largo da Matriz ocupava desde a área da atual Praça Rui Barbosa até a Praça Frei Eugênio, antigo cemitério São Miguel. Pontes, 1970, descreve o largo e sua inserção na malha:

É o mais antigo logradouro público de Uberaba, pois, foi na sua parte inferior que se começou a edificação do primeiro prédio que Uberaba teve. Dele partem as seguintes ruas, a saber, canto inferior direito, a Coronel Manuel Borges; centro, a Artur Machado. Esquerda, a Vigário Silva, lado sul, ao meio, a rua de Santo Antônio. Canto superior direito, a rua Olegário Maciel e superior esquerdo, a rua Tristão de Castro; lado norte, no meio, a rua São Sebastião. (Pontes, 1970, p.287)

Inicialmente, a praça era chamada ‘Largo da Matriz’ ou apenas ‘Largo’ indicando a ligação desse espaço com a igreja, por influência da República recém-instaurada, é nomeada ‘Afonso Pena’, nomenclatura que permaneceu entre 1894 e 1916, quando então recebeu o nome ‘Rui Barbosa’, que permanece até os dias atuais. Este largo esteve presente na vida dos cidadãos uberabenses desde a criação do núcleo, se mantendo ativo ao longo dos séculos XIX, XX e início do XXI.

A presença de usos como o da prefeitura, da câmara de vereadores, do teatro e principalmente da Matriz formando o entorno da praça, deu a ela grande importância de centralidade e representatividade a Uberaba. Um forte valor simbólico, onde a imagem da praça muitas vezes se confunde com a imagem da própria cidade. É, portanto, o espaço que recebe maior atenção do poder público, passando por diversas remodelações ao longo de sua história.

Na Praça Rui Barbosa está construída a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, onde, na primeira metade do século XX, ocorriam as principais (e mais concorridas) celebrações e festividades da cidade. E em seu entorno estavam não somente as construções mais luxuosas (os palacetes e os “bungalows”) das famílias

mais ricas, também as principais casas comerciais e prédios públicos como a Câmara de Vereadores. (DANTAS, 2013, p. 229)

Durante a maior parte do século XIX a cidade foi frequentada basicamente para as atividades religiosas, nesse período a maioria da população residia na área rural e frequentava a cidade apenas nos finais de semana e feriados. Segundo Lourenço, 2010, p. 231, “Os arraiais e vilas sertanejas não eram locais de grande população sedentária. Em todos eles, a maioria dos moradores se ausentava durante a semana, só comparecendo aos sábados e domingos para missas, casamentos, batizados, funerais e, nos feriados para festas religiosas.”.

O espaço permaneceu sem pavimentação, arborização ou qualquer tipo de tratamento durante praticamente todo o século XIX. Houve uma tentativa, em 1837, de instalar um chafariz, mas a precariedade de materiais e tecnologia disponíveis o fez fracassar.

Após a instalação da Vila de Santo Antônio de Uberaba, aproveitando o “Olho d’água do Indaiá” que corria pelo Largo da Matriz, os vereadores fizeram construir ali um chafariz. A água conduzida por bicas de tábuas fizeram-no fracassar, sendo chamado pelo povo de “catacumba seca” (Arquivo Público de Uberaba, 1997, p.3)

Nas últimas décadas do século XIX, com o aumento da população residente na cidade, aumentou o uso dos espaços públicos e o espaço da praça sofreu as primeiras intervenções. Texto do Arquivo Público de Uberaba (p. 39, 2001) destaca a frequência e o interesse da população em ver a mudança desse espaço “Em 1882, o professor Cecílio Antônio da Silva iniciou uma campanha, no seu jornalzinho ‘A Violeta’, para ajardinar o 'Largo' já que esta era uma preocupação constante, sem nada conseguir.”.

As intervenções iniciais não se referiam ao desenho do espaço, ajardinamento ou pavimentação. Em 1885 houve a instalação de um chafariz que antes de qualquer função estética era equipamento de uso cotidiano. Não havendo água encanada o chafariz facilitava o abastecimento de água para a população. Na década de 1880 havia no espaço um novo chafariz, construído no local daquele mal sucedido, um cruzeiro de madeira e o Cedro do Sampaio⁴.

Em 1885, no mesmo local, foi construído um segundo chafariz, com peças metálicas, circundado por um tanque de tijolos, tendo nos fustes cabeças de leão, jorrando água para a frente leste. Havia ali, ainda, um belo cruzeiro, construído inicialmente pelo carpinteiro, Joaquim Francisco Ananias e concluído pelo artista alemão, Fernando Ankerckrone, que foi demolido em 1896, por ordens do Cônego Aurélio de Sousa. (BLANCATO, 1992: s/n)

(4) O Cedro foi plantado, em 1881, de frente ao Paço Municipal, pelo Coronel e Historiador Antônio Borges Sampaio. A árvore foi derrubada por volta de 1933.

A figura 5 é um desenho de Ovídio Fernandes que retrata a Matriz e parte do seu Largo no final do século XIX. É possível perceber a simplicidade das intervenções nesse espaço, a fonte na parte mais alta do largo e a ausência de pavimentação de qualquer tipo. Assim permaneceu entre 1885 e 1894, com a fonte de água o cruzeiro e a árvore plantada por Antônio Borges Sampaio.



Figura 5: Primeira Matriz - Desenho de Ovídio Fernandes, Década de 1890.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº768, 2001.

É importante destacar a oposição clara entre áreas vazias e áreas construídas e como o espaço do Largo era uma continuação do espaço da rua, a delimitação do Largo nesse período era, portanto realizada somente pelas construções de seu entorno.

O final do século XIX é um período de intensas mudanças, a maior presença da população no espaço urbano leva ao melhoramento dos espaços públicos. Nesse período cresceu a preocupação com o aspecto das vias, construções, largos e praças. O espaço da cidade busca refletir os novos tempos da república recém-instaurada. Segundo o Arquivo Público de Uberaba, 2001, p 39, “Em 1894, José Augusto de Paiva Teixeira (Cazuza), através do jornal 'A Gazetinha', retomou a ideia de ajardinar a Praça, que foi aceita pelo Governo Municipal, Dr. Gabriel Teixeira Junqueira”. José Augusto de Paiva Teixeira foi vereador em Uberaba entre 1887 a 1890.

Um dos primeiros melhoramentos da cidade após a Proclamação da República foi a construção de um jardim fechado no Largo da Matriz, em 1893. O jardim foi custeado pelo Capitão Lannes José Bernardes, que exerceu o cargo de vereador em Uberaba entre 1895 e 1897. A seguir, um trecho do depoimento dado, em 1953, ao Jornal Lavoura e Comércio pelo Capitão Lannes José Bernardes, sobre a construção e a inauguração do jardim fechado no Largo da Matriz.

Havendo na Câmara oposição a esse melhoramento, fi-lo, a minha custa. Nele gastei a quantia de 2 contos de reis, encarregando de sua construção (execução) o Dr. Capelache de Gusberti⁵, engenheiro do Estado, que o projetou e com quem fui a Ribeirão Preto adquirir o necessário material, que não havia em Uberaba.

[...] A praça foi toda ornamentada com bandeiras e galhardetes e o povo abrilhantou a festa a ela comparecendo. Deu grande realce a solenidade a Banda de Música do Maestro Augusto Camparino presente a esta toda a Câmara Municipal. (BERNARDES apud BORGES, 1998)

O significado desse Jardim para a cidade percebe-se pela pompa com que ele foi inaugurado. O evento de inauguração ocorreu no dia 15 de abril de 1894, compareceu a população e toda a Câmara Municipal, houve grande ornamentação e Banda de Música. Com a construção do Jardim Fechado o espaço passou a chamar-se Praça Afonso Pena, indicando a aproximação com as atividades civis para além do uso religioso.

Foi o primeiro espaço público ajardinado de Uberaba, sua construção objetivou embelezar a cidade, aproximando sua imagem à das grandes cidades do país que já possuíam jardins públicos. A implantação do jardim no espaço do Largo alterou sua relação com o entorno. Pela primeira vez o espaço da praça foi demarcado claramente, diferenciando-se do espaço da rua. A figura 6 é uma fotografia do Largo da Matriz, em 1894, com o jardim recém-implantado. BORGES, 1998, descreve esse jardim “[...] era um quadrilátero, com cercas de arame farpado, em todo o redor, contornado por passeios de pedra tapiocanga, sem cimento, tendo dentro um coreto, em forma de chalé, e um chafariz, com diversas árvores plantadas em toda a sua dimensão.”.

(5) Segundo o Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1903, p 1391, o Dr. Alexandre Capelachi de Gusberti era engenheiro civil e atuava em Uberaba.



Figura 6: Largo da Matriz, 1894.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

O desenho do jardim de 1894 foi uma referência clara aos jardins ecléticos. A vegetação era podada de forma ornamental, mantendo um jardim sempre controlado. Foi deixado um espaço livre, com alguns bancos ao redor da fonte, sendo o espaço de estar do jardim. É simétrico, ordenado por um eixo central que marca uma continuidade da Rua do Comércio até a entrada da Matriz, nele estão alinhados o acesso, o coreto, a fonte, o cruzeiro e a vista frontal da matriz.

A implantação do jardim significou, além da mudança espacial, uma mudança de uso desse espaço. Antes utilizada para questões funcionais do cotidiano, como o comércio e as atividades religiosas. A praça tornou-se um local de lazer, as pessoas se deslocavam até ela para conviver e contemplar. A figura 7 mostra a disposição deste jardim e seus equipamentos.

A partir de 1901, esse jardim recebe iluminação elétrica, em um dos atos do poder legislativo de Uberaba “Resolução nº 25, de 6 de janeiro de 1901 – Autoriza a colocação de duas lâmpadas no jardim da Praça da Matriz” (PONTES, 1978). O fato de o espaço receber iluminação elétrica confirma a importância social desse espaço, e indica a possibilidade de mudança de hábitos da população que pode usar espaços públicos mesmo após o pôr-do-sol. Com o passar dos anos a vegetação do jardim desenvolveu-se, segundo o Arquivo Público de Uberaba, 2001, p.39, “As plantas e as árvores cresceram, tornou-se um bosque perfeito, sendo apelidado de 'Capão Municipal', pelo povo.”

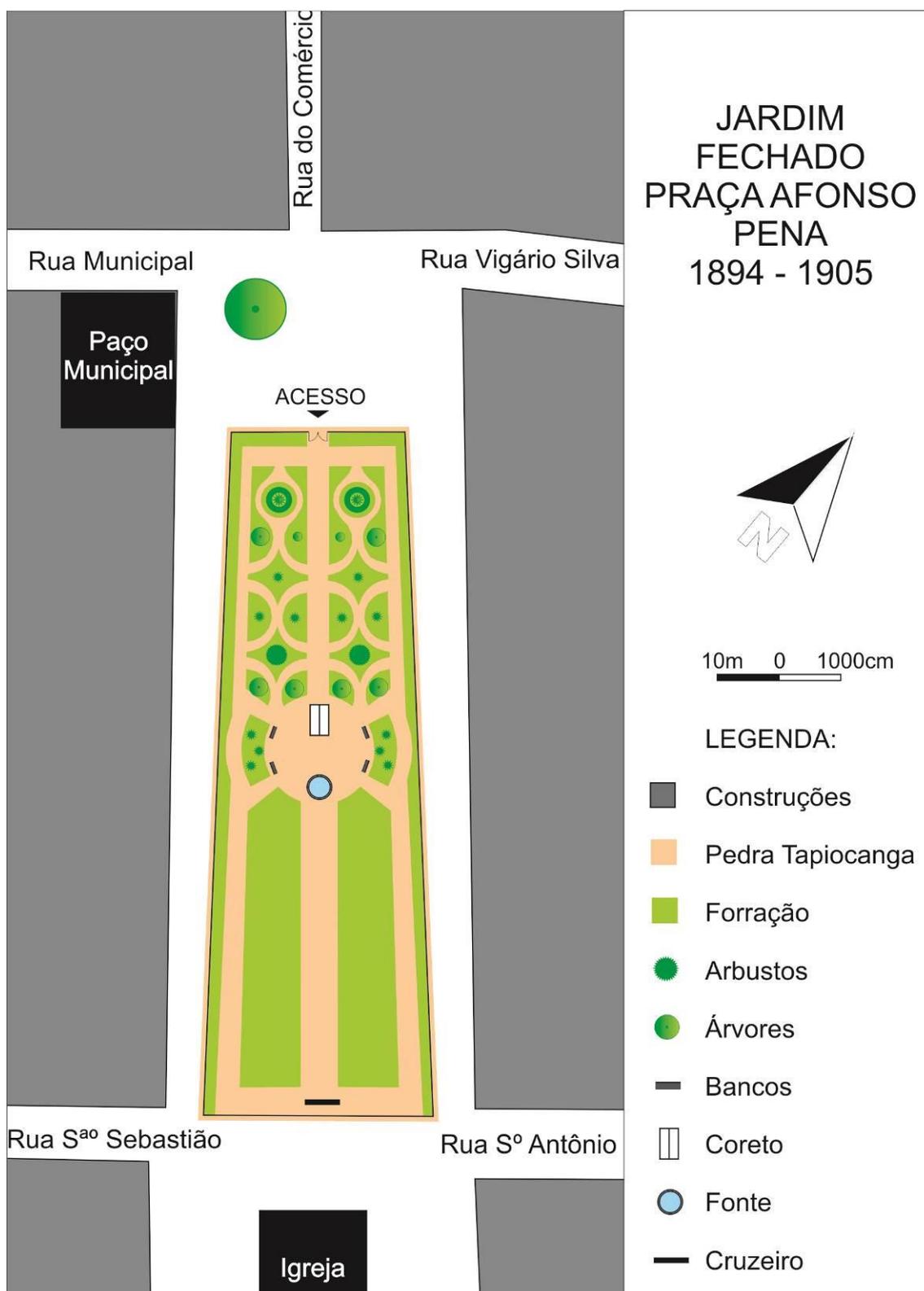


Figura 7: Jardim Fechado - Praça Afonso Pena (1894-1905).

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

A figura 8 é uma pintura do interior do jardim, mostra o chafariz em primeiro plano, o coreto ao fundo e a vegetação já consolidada ao redor. Por ela também é possível perceber a

variedade de tipos de bancos, que possivelmente não foram previstos no projeto original e foram adaptados posteriormente.



Figura 8: Jardim Público, Década de 1900.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº493, 2001.

Até o final do século XIX o casario que delimitava a praça era constituído basicamente de construções com estrutura autônoma de madeira e vedação de taipa, coberta por telhas de capa e canal com longos beirais. A partir do início do século XX essas construções tradicionais passaram a dividir espaço com novos edifícios em estilo eclético. A figura 9 é uma fotografia de 1908 onde é possível perceber a presença das duas tipologias, a direita um casarão típico da arquitetura colonial brasileira e a esquerda um sobrado de arquitetura eclética.



Figura 9: Construções no Largo da Matriz, 1908.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº530, 2001.

Uma nova intervenção ocorreu em 1905, manteve os mesmos princípios de organização do espaço da praça. Um cronista da Revista de Uberaba, de pseudônimo Athas, comenta em sua “Chronica Mensal” de 1905 a situação em que se encontrava a praça antes da reforma.

O jardim municipal está passando por uma reforma. Muitas árvores foram cortadas e outras esgalhadas. Já era tempo, pois aquilo estava parecendo mais com uma mata do que com um jardim. Estão se fazendo ali canteiros “chics” sendo dirigido o serviço pelo Sr. Ernesto Neuschwander⁶, um moço que entende muito do riscado. De ora em diante a gente poderá dar por lá seus passeios mais desassombradamente. (Athas apud Boletim Informativo do Arquivo Público de Uberaba, 1997, p.3).

A praça permaneceu como um espaço fechado, com cerca de arame em toda sua extensão. O eixo central e a área livre em torno da fonte continuaram sendo definidores do desenho. O coreto, a fonte e o cruzeiro foram mantidos, bancos padronizados foram acrescentados ao redor do vazio central. A figura 10 é uma vista parcial da praça, em 1910, que mostra as mudanças implantadas na reforma de 1905.



Figura 10: Vista parcial da Praça Rui Barbosa, 1910 - Marcelino Guimarães.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Os dois caminhos laterais ganharam mais expressão com as árvores de grande porte formando duas fileiras laterais no sentido mais longo da praça. A poda ornamental da vegetação desapareceu no projeto de 1905. Os canteiros foram simplificados, com uma única espécie de

(6) Segundo o Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro, 1911, p. 3231, o Sr. Ernesto Neuschwander era proprietário de uma Fábrica de Manteiga em Garimpo, distrito de Uberaba.

vegetação rasteira cobrindo toda a extensão dos canteiros. A figura 11 é um croqui esquemático do jardim implantado na Praça Rui Barbosa entre 1905 e 1916.

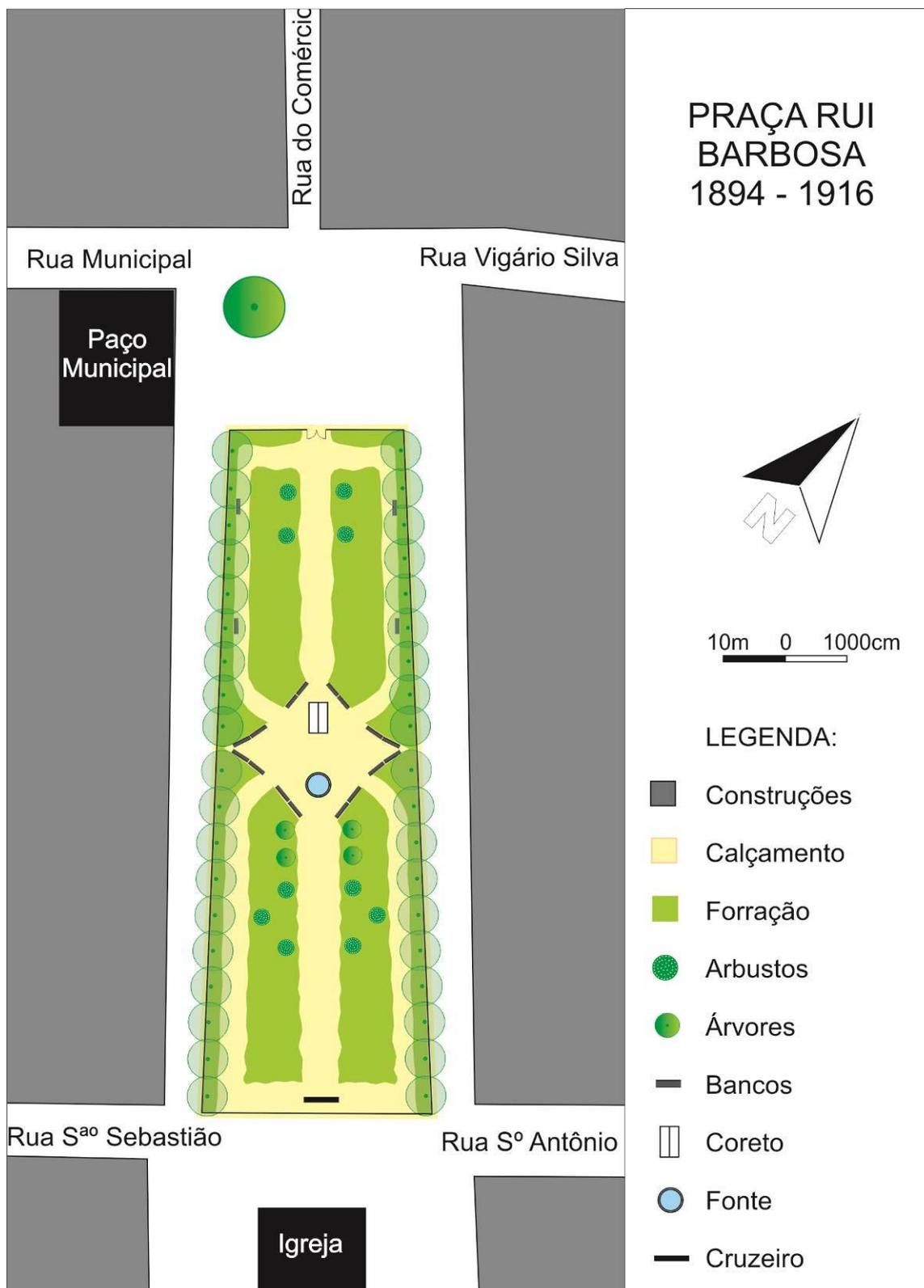


Figura 11: Praça Rui Barbosa (1905-1916) - Croqui Esquemático

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Em 1911, em comemoração ao centenário da cidade, houve a instalação de um novo coreto, metálico e em forma hexagonal que permaneceu na praça até 1917, quando houve outra reforma. Segundo o Arquivo Público de Uberaba, 2001, p. 39, “[...] na administração do Dr. Felipe Aché, o coreto foi transferido para o jardim central da Cidade de Veríssimo – MG, sendo armado em seu lugar um outro, metálico, de forma hexagonal”. Com a transferência do coreto antigo para o Arraial de São Miguel de Veríssimo, outro coreto foi construído no mesmo local, não foi possível localizar imagens ou mais detalhes desse coreto.

O calçamento das vias do redor da praça ocorreu em 1915, até essa data as vias ainda eram de terra. Por um ato do poder legislativo de Uberaba, através da “Resolução nº 293, de 2 de janeiro de 1915 – Autoriza o Agente Executivo a efetuar, no corrente ano, o calçamento da praça da Matriz desta cidade, realizando para esse fim, as necessárias operações de crédito.” (BORGES, 1978.) A partir de fotos do período é possível perceber o calçamento realizado com paralelepípedos de basalto, técnica e material comuns na região.

Em 1916 o nome foi modificado para Praça Rui Barbosa, e houve uma reforma total, o fechamento de arame foi retirado, todas as árvores foram cortadas e os monumentos foram substituídos. Segundo DANTAS (2013, p 230) “Quando as árvores estavam frondosas foram arrancadas e a praça adquiriu um aspecto desolado”. A figura 12 é uma foto da década de 1920, onde aparecem a Praça Rui Barbosa com a vegetação consolidada, e a Rua do Comércio.



Figura 12: Praça Rui Barbosa, Década de 1920.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº3068, 2001.

O desenho implantado em 1916 difere daqueles anteriores, principalmente por se tratar de um espaço aberto, podendo ser acessado de todos os lados. A figura 13 mostra a disposição dos

elementos nesse jardim. O eixo central, resultante da ligação entre a Rua do Comércio e o acesso da Matriz, manteve-se organizando novos monumentos. Borges comenta sobre esse jardim:

[...] no governo do Dr. Silvino Pacheco de Araújo (farmacêutico) fora este jardim todo reformado, com o plantio das belas “palmeiras imperiais”, com vários canteiros e amplas passarelas com bancos de granito, com encosto, e assento recurvado, bastante confortáveis. (BORGES, 1998)

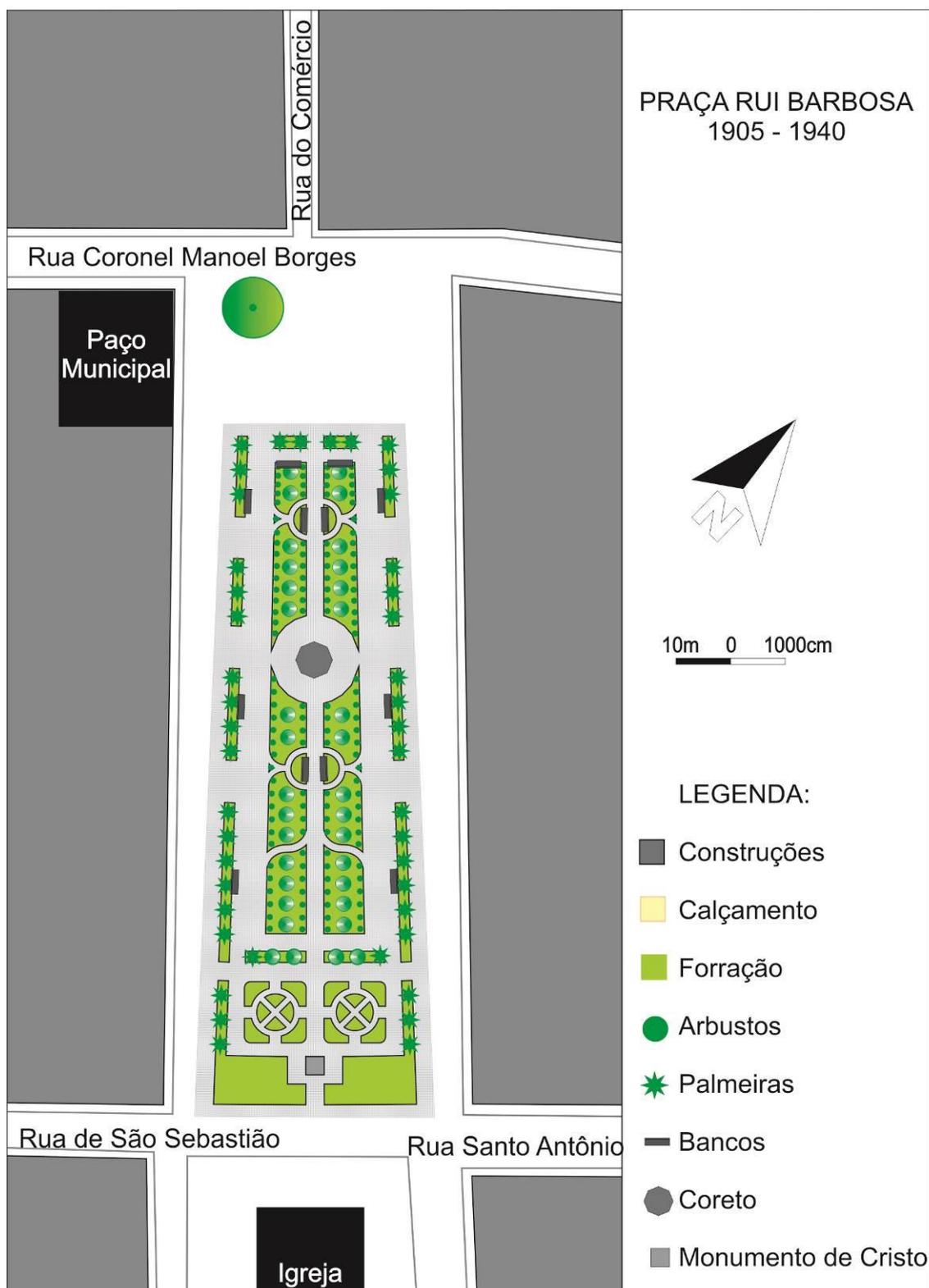


Figura 13: Praça Rui Barbosa (1916-1940) - Croqui Esquemático.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O monumento de Cristo foi erguido no local onde estava a fonte d'água, que se tornou obsoleta com o advento da água encanada. Um novo coreto foi construído, indicando seu uso frequente para a cidade, tanto para a apresentação de bandas quanto para discursos políticos. As fileiras de palmeiras imperiais nas laterais da praça marcavam os limites do espaço, dois

canteiros centrais com vegetação de médio e pequeno porte, separados das palmeiras por largas passarelas. Nesse jardim percebe-se a poda ornamental de algumas espécies e a presença de espécies exóticas como o pinheiro.

Ao lado do monumento de Cristo os dois jardins de pequeno porte foram descritos por Borges, 1998, “o da direita representando a bandeira nacional, trabalhado com pedras (pequenas) de cabo verde, mármore branco e de manganês; o outro da esquerda representando as armas nacionais e aquele ‘o sello e o sinete oficial’”. Nesse caso direita e esquerda são referências considerando o observador na praça olhando para a Matriz.

A figura 14 é uma vista da Praça Rui Barbosa com a Matriz ao fundo, nela é possível perceber em primeiro plano algumas charretes e o Cedro do Sampaio que sobreviveu às intervenções no espaço sendo retirado no início da década de 1930. As instalações também ficam evidentes, os postes de iluminação da praça e os bancos de concreto ao longo dos caminhos.



Figura 14: Praça Rui Barbosa, 1925, Marcelino Guimarães.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Ao longo das três primeiras décadas do século XX a arquitetura eclética tornou-se hegemônica na paisagem da praça, trazendo referências neoclássicas, neogóticas e art nouveau. Começando pelos edifícios de maior importância no conjunto: a Catedral, edifício neogótico construído na virada do século; o Paço Municipal, edifício eclético inaugurado em 1920 e o edifício do Cine Theatro São Luiz, edifício eclético inaugurado em 1931.

Os demais edifícios, comerciais e residenciais também seguiam a mesma linguagem: telhados cobertos por platibanda, fachadas ornamentadas, a busca pela simetria e o equilíbrio, presença

de afastamentos laterais ajardinados. Alguns palacetes requintados representavam o sucesso financeiro alcançado pelos criadores de Zebu nesse período, eram exemplares das inovações técnicas do início do século XX, como o uso do tijolo, do metal e do concreto armado.

Com a instauração do Estado Novo em 1937, Whady José Nassif foi nomeado prefeito de Uberaba. Nesse período foram realizadas diversas obras de infraestrutura e, no início da década de 1940, uma nova intervenção na Praça Rui Barbosa alterou completamente o espaço da praça e foi a obra mais controversa de sua gestão. As duas décadas em que o desenho com as palmeiras imperiais esteve implantado foram suficientes para torná-lo um marco referencial da cidade. AZEVEDO, 2010, p. 79 comenta que “[...] atento à ideologia do Estado Novo, Nassif decidiu reconfigurar a tradicional praça uberabense, monumentalizando a rejeição ao passado oligárquico e enaltecendo os valores modernos representados pelo novo regime.”.

A figura 15 é uma foto da Praça Rui Barbosa na década de 1940 após a implantação do novo desenho. Nela é possível perceber a substituição de toda a vegetação e a remoção do coreto, a manutenção do monumento de Cristo e a construção de um obelisco.



Figura 15: Praça Rui Barbosa, década de 1940.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Nesse desenho as passarelas laterais que circundam o espaço da praça foram mantidas, e como principal diferença dos anteriores a passarela central desaparece, mesmo assim a vista frontal da igreja permaneceu desobstruída, livre de vegetação de grande porte e foi onde continuaram dispostos os monumentos, como mostra a figura 16.

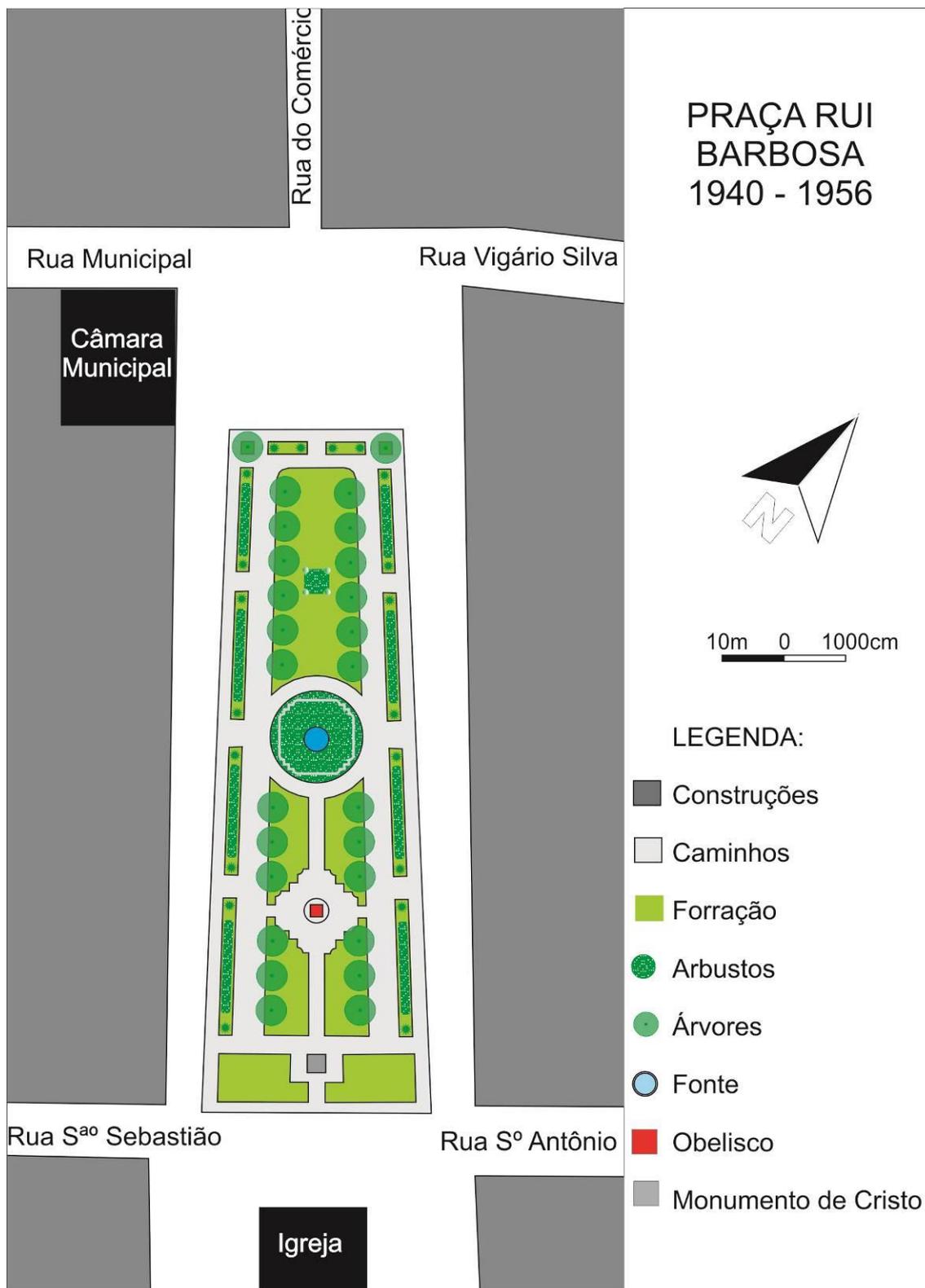


Figura 16: Praça Rui Barbosa (1940-1956) - Croqui Esquemático.

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O obelisco foi construído em homenagem ao então governador Benedito Valadares com doações da população, representa um período de progresso e mudanças urbanísticas na

cidade, além das estreitas relações que se buscava manter entre as três esferas do poder – municipal, estadual e federal. Texto da Fundação Cultural de Uberaba descreve o monumento.

[...] em estilo Art Decô, é do renomado artista plástico Humberto Cozzo, em granito ornamentado, com seis metros de altura e foi erguido na praça Rui Barbosa, com escultura do busto do ex-governador Benedito Valadares, e contém uma alegoria da hélice de um avião e um carro rompendo uma rodovia, em alusão a inauguração do campo de aviação, hoje Aeroporto de Uberaba e às rodovias que estavam sendo abertas, e alegorias que representam as melhorias introduzidas nos serviços de abastecimento de água e energia elétrica, por ação do prefeito da época, Wadhy Nassif. (Fundação Cultural de Uberaba, 2013)

O obelisco permaneceu na Praça Rui Barbosa até 1990, quando, em uma nova reforma da praça foi guardado no depósito da prefeitura. Em 2003 foi instalado na Praça Graziela Soares com réplicas de alguns detalhes, os ornamentos originais de bronze continuaram no depósito municipal para evitar o furto de peças. Em maio de 2013 o obelisco foi reinaugurado após a restauração dentro do parque Fernando Costa, graças a uma parceria entre a Prefeitura de Uberaba, Fundação Cultural de Uberaba e Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

O Art Decó apareceu também nas construções do entorno da praça, as reformas ou novas edificações das décadas de 1940 e 1950 buscaram referência nesse estilo para a composição de volumetria e fachada. Nesse período surgiram ao redor da praça as primeiras edificações com mais de dois pavimentos.

Em 1956 a praça passou por uma nova remodelação, durante a gestão do prefeito Arthur de Melo Teixeira. Os monumentos foram mantidos e construíram uma fonte luminosa. Foram instaladas na praça uma estátua do Major Eustáquio, fundador da Colônia Sírio-libanesa na cidade doada pela própria colônia, e uma coluna com o busto do Presidente Juscelino Kubistchek, ambas próximas a Rua Vigário Silva. Nas vias que circundam a praça o calçamento de paralelepípedos foi substituído por bloquetes.

A figura 17 é uma foto da Praça Rui Barbosa na década de 1960, com as árvores já crescidas, nela se apresentam de cima para baixo, o monumento de Cristo, o Obelisco, a fonte luminosa, o busto de Juscelino Kubistchek e a estátua de Major Eustáquio. O eixo central desobstruído e as fileiras de árvores nas duas laterais davam destaque à igreja que aparecia como ponto de fuga na perspectiva do observador pela rua do comércio.



Figura 17: Praça Rui Barbosa na década de 1960.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº878.6, 2001.

Para atender questões funcionais de demandas por circulação e estacionamento na área central, as remodelações seguintes desconsideraram por completo os usos e a importância histórica desse espaço para a cidade. Entre 1967 e 1992 esse importante espaço de manifestação popular foi utilizado ou como estacionamento de automóveis ou como terminal de ônibus coletivos.

A partir de 1967, o Prefeito Municipal Dr. João Guido, transformou a Praça Rui Barbosa em estacionamento de automóveis. Desta vez a Coluna de Cristo foi retirada, sendo transferida para a Av. Presidente Vargas. Os outros monumentos foram mantidos. Em 30 de Abril de 1971, o Prefeito Arnaldo Rosa Prata inaugurou, na praça, uma Galeria de Artes e Sanitários Públicos. Na década de 1980, de estacionamento de automóveis, passou a ser terminal de ônibus coletivos. Amontoaram-se ali uma infinidade de camelôs. Em novembro de 1990, retornou a estacionamento de automóveis. (Arquivo Público de Uberaba, 2001: 39)

Somente em 1992 esse espaço volta a funcionar como praça, com a implantação do projeto do arquiteto e paisagista Ricardo Ney Ururahy. O espaço foi arborizado, os passeios foram executados em pedra portuguesa preta e branca. Os monumentos existentes foram retirados, sendo construídos outros: coreto, fonte, lanchonete, banca de revistas, sanitários públicos. As edificações do entorno sofreram modificações ao longo do tempo, parte das construções foi substituída ou sofreu alterações que as descaracterizaram. A Catedral e o Paço Municipal são os representantes arquitetônicos mais bem conservados do que foi construído até a primeira

metade do século XX ao redor da praça. Alguns palacetes também resistiram às mudanças da área, mas passaram por alterações e/ou sofrem com a falta de manutenção.

3. OS USOS DO ESPAÇO

A Praça Rui Barbosa abrigou diversos usos ao longo de sua existência: civis, religiosos, coletivos, individuais, cotidianos ou esporádicos. Após a construção do primeiro jardim, em 1894, foi fundamental para a caracterização da praça o espaço livre em frente ao Paço Municipal, essa espécie de Largo comportava um número maior de pessoas possibilitando manifestações políticas e culturais. Na intervenção de 1967 esse espaço foi incorporado a um estacionamento, afastando as manifestações públicas da praça.

O uso das praças e jardins era cercado de pompa, havendo no Código Municipal de Posturas de Uberaba de 1927 um capítulo inteiramente dedicado às ações proibidas nesse espaço, ocorrendo ao infrator pena de multa ou prisão. Além de recomendações que buscam a manutenção e preservação do espaço, algumas são tentativas de selecionar o público frequentador, como é caso do artigo ART. 223º que diz “Não é permitido transitar pelos jardins públicos com fardos às costas ou empurrando carrinho de mão, destinados a transporte de objetos e cousas.”.

A Praça Rui Barbosa é o local que abrigou todos os eventos públicos importantes durante a primeira metade do século XX. A figura 18 mostra o evento de Inauguração da Luz elétrica em Uberaba, em 1905, fato marcante para o município, nela é possível perceber as instalações para festividades como palanques e a ornamentação com arcos e bandeiras.



Figura 18: Inauguração da Luz Elétrica na Praça Rui Barbosa, 31/12/1905
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

A figura 19 mostra uma apresentação do Batalhão dos alunos do Colégio Diocesano em 1916, período em que a Praça passava por reforma. A existência desse espaço livre desvinculado do jardim permitiu usos diversos da Praça mesmo em períodos de reforma.



Figura 19: Praça Rui Barbosa em 1916 - Batalhão dos alunos do Colégio Diocesano.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

A figura 20 mostra a realização de uma Missa Campal, onde a celebração é feita ao ar livre em um altar improvisado. Pela imagem é possível perceber a concentração de um grande número de fiéis que ocupavam desde a praça até a escadaria da Igreja.



Figura 20: Missa Campal na Praça Rui Barbosa, 1930.
Fonte: Câmara Municipal de Uberaba: Projeto Memória Viva, 2011.

A figura 21 mostra um dos principais usos da Praça, ainda existente, o de ponto de taxi. O transporte de pessoas era realizado inicialmente por charretes e mais tarde por automóveis. No conto A Praça Rui Barbosa o autor Padre Prata comenta sobre essa atividade cotidiana.

Os tálburis vão passando, carros de praça puxados por belos alazões bem ajaezados. [...] A partir de 1930, já havia na praça vários carros motorizados. [...] Os “chauffeurs” (era como chamávamos os motoristas) sempre ao lado, aguardando os passageiros. (Uberaba 20 autores, 2013, p. 107)



Figura 21: "Carros de Praça" em frente ao Paço Municipal, década de 1920.
Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº496, 2001.

A praça também era o local escolhido para as manifestações de cunho político, a figura 22 mostra a aglomeração popular na Praça Rui Barbosa em 1930. Quando, com o apoio dos mineiros, Getúlio Vargas tornou-se Presidente da República através de um Golpe de Estado.



Figura 22: População na Praça Rui Barbosa após o Golpe de 30, década de 1930.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba, RG nº 584, 2001.

A figura 23 mostra a cerimônia de inauguração do Obelisco dedicado ao então Governador Benedito Valadares. Construído com recursos doados pela população com o intuito de apoiar uma figura influente na política durante o Estado Novo.



Figura 23: Inauguração do Obelisco na Praça Rui Barbosa, 1941.

Fonte: Câmara Municipal de Uberaba: Projeto Memória Viva, 2011.

A Praça Rui Barbosa abrigava festas tradicionais, como o Carnaval e as festas Juninas, figura 24, nela percebemos a ornamentação especial do espaço, com arcos e bandeirinhas. Os blocos de carnaval percorriam vias importantes da cidade incluindo a praça, no conto A Praça Rui Barbosa o autor Padre Prata comenta sobre a festa “E o carnaval? Como era bonito. Era uma festa da comunidade. Carros enfeitados de cores alegres, levando grupos de moças, cantando

e dançando com as mais belas fantasias, disputando o prêmio de rainhas do carnaval. Davam a volta ao redor da praça.” (Uberaba 20 autores, 2013, p. 107).



Figura 24: Festa Junina na Praça Rui Barbosa, década de 1930.

Fonte: Arquivo Público de Uberaba, 2001.

Foi importante local de lazer e reunião durante a maior parte do século XX. Abrigava os frequentadores do Theatro São Luiz antes e depois das exibições, reunia os jovens para o *footing*, como era chamado o caminhar despropositado pela praça. Aos domingos o coreto da Praça era usado para apresentações musicais, “Nas tardes de domingo, a banda de música do Quarto Batalhão entretia os passantes com os famosos chorinhos, com valsas, modinhas, foxtrotes, marchinhas.” (Uberaba 20 autores, 2013, p. 107)

A Praça Rui Barbosa abrigou uma gama diversa de usos, sua configuração e os edifícios de seu entorno garantiram essa diversidade. Até a metade do século XX o espaço da praça reuniu as principais atividades urbanas sendo elas religiosas, civis, políticas, artísticas e de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uberaba se constitui num importante exemplo do processo de formação dos núcleos urbanos da região, em que os adros e largos surgidos no século XIX serão mais tarde convertidos em praças, que, mantendo em geral o mesmo perímetro, sofrem alterações na sua organização espacial, incorporando novos equipamentos e arranjos internos, novos usos e funções. No caso de Uberaba, a Praça Rui Barbosa é o exemplo máximo da importância da praça na conformação do espaço urbano. Mesmo sofrendo diversas modificações em seu desenho

manteve-se como estruturadora do espaço urbano, representativa da vida social uberabense, desde o surgimento do núcleo e durante a maior parte do século XX.

Foi palco das atividades religiosas e comerciais quando a população era basicamente rural e a cidade realizava-se basicamente dessas funções. Em períodos de efervescência política acolheu as manifestações desse cunho. Tradicionalmente abrigou as festividades cívicas e religiosas como o carnaval e as festas juninas. Cotidianamente proporcionou o lazer, o encontro e o ócio. A Praça Rui Barbosa através da concentração de atividades firmou-se também como centralidade física do espaço urbano que foi desenvolvendo-se em seu entorno. Na medida em que os outros espaços da cidade se estruturaram a partir da relação com a praça, dado o privilégio de se estabelecer mais próximo e mais conectado com esse centro de atividades.

Quando, entre 1967 e 1992, a praça é transformada para abrigar um estacionamento de automóveis ficam comprometidas as diversas atividades sociais. Não havendo possibilidade de a população manifestar-se religiosa, política e culturalmente nesse espaço, a praça perde grande parte da sua importância sendo preterida por outros espaços. Quando por mais de duas décadas a Praça deixa de abrigar as várias e principais atividades dando lugar à monofuncionalidade de um estacionamento de automóveis, sua importância de concentração e centralidade é perdida.

Quando a Praça Rui Barbosa deixa de ser acessível aos cidadãos ela perde seu caráter de praça, definido anteriormente como “espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos” (Robba e Macedo, 2010, p. 17). A partir daí a população uberabense opta por outros espaços públicos que são capazes de abrigar suas manifestações, transferindo a importância para outras praças da cidade.

Quando em 1992, a Praça Rui Barbosa tem novamente um projeto de praça implantado, a força de atração desse espaço já se esvaiu em grande parte e a população já adotou outros espaços para suas manifestações. Atualmente o fluxo de pessoas é intenso durante o horário comercial devido ao intenso comércio e à presença de importantes edifícios no entorno da praça, mas durante a noite e nos fins de semana não se percebe a mesma movimentação no local. Infelizmente a praça tornou-se apenas local de passagem. A poluição sonora e visual, o fluxo intenso de automóveis e a deterioração das construções de seu entorno fazem com que a Praça Rui Barbosa não seja mais um espaço convidativo à permanência.

A Praça Rui Barbosa foi elemento fundamental na construção da paisagem urbana de Uberaba, por ser um elemento ordenador do traçado urbano, por seu valor de memória e pelas importantes apropriações sociais ao longo de sua história. A paisagem gerada pela combinação dos elementos naturais com as edificações instaladas em seu entorno, fazem da Praça Rui Barbosa um espaço de grande valor cultural para a cidade. Apesar do valor já destacado, as constantes modificações tanto na praça quanto em seu entorno, comprometem a preservação desse espaço.

AGRADECIMENTOS

Ao NUTHAU - Núcleo de Pesquisa em Teoria e História de Arquitetura e Urbanismo e ao NEURB – Núcleo de Estudos Urbanos que colaboraram para o desenvolvimento deste trabalho.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) pelos recursos financeiros dispensados para a execução desse projeto, inclusive através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- ALMANAK MERCANTIL, ADMINISTRATIVO E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO, edição de 1911. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Visitado em Janeiro de 2014.
- ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. Documento fotográfico. Uberaba. 2001.
- ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. Histórias de Uberaba. Fundação Cultural de Uberaba. 1985
- ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. Arquivo: Boletim Informativo do Arquivo Público de Uberaba. Nº 7, março de 1997.
- ATHAS. Chronica Mensal. Revista de Uberaba, 1905.
- BERNARDES, Lannes José. Minhas reminiscências de Uberaba. Jornal Lavoura e Comércio. Uberaba, 15 de setembro de 1953.
- BORGES, José Carlos Machado. Minhas recordações de infância e juventude. Arquivo Público de Uberaba: CEFOR – Centro de Formação Permanente. Uberaba, Agosto 1998.
- CÂMARA MUNICIPAL DE UBERABA: Projeto Memória Viva 2011. Disponível em: <<http://www.camarauberaba.mg.gov.br/memoriaviva>>. Visitado em Janeiro de 2014.
- DANTAS, Sandra Mara. Entre sete colinas: histórias e memórias na configuração do patrimônio de Uberaba. Revista de História Regional 18(1): 224-238, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br>>. Visitado em Janeiro de 2014
- FONSECA, André Azevedo da. A consagração do mito Mário Palmério no cenário político do triângulo mineiro (1940-1950). Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Franca, SP, 2010.

- CONPHAU. Conjunto Arquitetônico do SESIMINAS “Centro Cultura José Maria Barra”. Dossiê de Tombamento, processo nº 031/2007.
- LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. O triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX) / Luís Augusto Bustamante Lourenço. – Uberlândia: EDUFU, 2010.
- MENDONÇA, José. História de Uberaba. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 2008.
- PONTES, Hildebrando. História de Uberaba e a civilização no Brasil Central. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 2ª ed., 1978.
- REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. Uberaba: Uma Trajetória Sócio-Econômica (1811-1910). Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.
- SAMPAIO, Antônio Borges. Uberaba: História, Homens e Fatos. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro: Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1971.
- SILVA, Luzia Maria de Oliveira e. Whady José Nassif na prefeitura de Uberaba: administração pública municipal no estado novo. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- SOUSA, Cynthia Bessa de. Revitalização em áreas centrais: estudo da cidade de Uberaba. Uberlândia, 2004. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal de Uberlândia.
- TEIXEIRA VALE, Marília Maria Brasileiro. Arquitetura Religiosa do século XIX no antigo “Sertão da Farinha Podre”. São Paulo, Tese (Doutorado), FAU-USP, 1988.
- VAI ser completamente remodelada a Praça Rui Barbosa. Lavoura e Comércio. Uberaba, 20 jan. 1940. p. 5
- Uberaba 20 autores / organizado por Beto Vianna e Arthur Vianna; ilustrado por Iuri Chacham – Belo Horizonte: Quixote, 2013.